



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho

PARENTALIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: INTERSECCIONALIDADES ENTRE O FEMININO, O CUIDADO, A CIÊNCIA E A PANDEMIA

PARENTHOOD IN INFORMATION SCIENCE: INTERSECTIONALITIES BETWEEN THE FEMALE, CARE, SCIENCE AND THE PANDEMIC

Ana Carolina Simionato Arakaki – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Ariadne Chlöe Mary Furnival – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Camila Carneiro Dias Rigolin – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Letícia Azevedo Januário – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Luciana de Souza Gracioso – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O contexto pandêmico atual agravou criticamente as condições da participação das mulheres no mercado profissional e científico. As variáveis que merecem ser analisadas são muitas, mas, para o presente estudo, foram selecionadas as que envolvem os desafios interseccionais entre a produção científica feminina, a maternidade e a pandemia no contexto da Ciência da Informação brasileira. São objetivos específicos do presente estudo: contextualizar e apresentar estudos que evidenciam a participação feminina na produção científica geral e em Ciência da Informação; apresentar o impacto da pandemia no espectro feminino relacionado a sua produção científica; descrever o projeto *Parent In Science* no Brasil e sugerir proposições no âmbito da CI, que possam atenuar os impactos sobre os cuidados parentais, nas carreiras de pesquisadoras. Para tanto, é desenvolvida pesquisa básica pautada em revisão de literatura narrativa ou assistemática, que se justifica pela especificidade da conjunção do assunto proposto e não demanda apresentação sistemática de protocolos de coleta e uso de fontes de informação. Os resultados almejam sugerir indicativos de ações que potencialmente poderão ser assumidos pelo campo para melhor qualificar, dignificar e fazer justiça à participação feminina e materna na sua construção.

Palavras-Chave: cuidados parentais; maternidade na ciência; pandemia; feminismo científico.

Abstract: The current context of the pandemic has critically worsened the conditions for women's participation in the professional and scientific markets. Many variables deserve to be analysed, but for the present study, those that involve the intersectional challenges between female scientific output, motherhood and the pandemic in the context of Information Science in Brazil were selected. The specific objectives of this study are: contextualise waves of feminism related to academic careers; contextualise and present

studies that show female participation in scientific output in general and in Information Science specifically; present the impact of the pandemic on the female sphere related to scientific output; describe the Parent In Science project in Brazil and suggest propositions within the IC framework, which may mitigate the impacts on parental care, on the careers of female researchers. To this end, basic research was carried out, based on a narrative, unsystematic literature review, justified by the specificity of the conjunction of the proposed theme, and which does not require the systematic presentation of collection protocols for information sources. The results aim to suggest actions that could potentially be taken by the field of Information Science to better qualify, dignify and do justice to the female and maternal participation in its construction.

Keywords: parental care; maternity in academia; pandemic; scientific feminism.

1 INTRODUÇÃO

As disparidades entre os direitos e deveres do feminino, nas relações de trabalho, são contrastantes historicamente, e foram gravemente reiterados durante a pandemia COVID-19. Por exemplo, em relação ao trabalho remunerado fora de casa, foi demonstrado que as condições de distanciamento físico e social, impondo o fechamento total de creches, escolas e pré-escolas no primeiro ano da pandemia, impactaram negativamente as mulheres no mercado de trabalho comparadas aos homens: com a exceção do setor de saúde, que é um setor com a força de trabalho tradicional e predominantemente feminina, mulheres foram as primeiras a serem dispensadas de empregos, e especialmente as mães de crianças jovens: nos EUA e na Alemanha, foi constatado que as mães tem 66 % maior probabilidade de serem demitidas em crises como a da pandemia, de que os pais de filhos (DIAS; CHANCE; BUCHANAN, 2020; HIPP; BÜNNING, 2020; ALON *et al.*, 2020) – um fenômeno denominado na literatura como a “penalidade materna” (*motherhood penalty*) (DIAS; CHANCE; BUCHANAN, 2020; STANISCUASKI *et al.*, 2021). A pandemia tem acarretado tal instabilidade empregatícia, (inclusive no setor de educação superior nos EUA, e principalmente para mulheres e pessoas afrodescendentes, chicanas e indígenas) (BAUMAN, 2020, apud HIGGINBOTHAM; DAHLBERG, 2021).

Para além disto, apesar de presente em todos os níveis – na educação primária e secundária quando são projetados estímulos para direcionar as mulheres para áreas mais “femininas”, passando pela inserção na ciência e ao longo de toda sua carreira – a discriminação de gênero na Ciência e Tecnologia (C&T) nem sempre é explícita e muitas vezes

é apoiada institucionalmente, o que demonstra causas estruturais (ETZKOWITZ; GUPTA, 2006; GARCÍA; SEDEÑO, 2006). Apesar do crescente número de mulheres na ciência nas últimas três décadas, encontramos uma disparidade de gênero profunda e persistente na participação por campo, e no desempenho, reconhecimento e recompensas nas carreiras científicas. Essas disparidades são influenciadas por estruturas institucionais complexas como cultura, práticas, família, casamento, maternidade e não apenas por interesses, intenções e escolhas individuais de mulheres e homens em buscar educação e carreiras científicas (FOX; WHITTINGTON; LINKOVÁ, 2016).

De modo mais contundente podemos corroborar com as afirmações de Schiebinger, uma vez que o desenvolvimento das disciplinas acadêmicas nos últimos duzentos anos, de maneira a compartilhar conhecimento de forma arbitrária, constituindo-se de processos históricos e não naturais, excluiu rigorosamente as mulheres e outras ditas minorias que, por consequência, ficaram sub-representadas (SCHIEBINGER, 1991, 2008). O resultado desse modelo de ciência está no silenciamento das mulheres, na subestima de suas contribuições e no questionamento da sua capacidade intelectual, sendo reduzidas ao papel de assistentes, além dos casos em que sua existência foi até negada pelos historiadores (ESPASANDÍN, 2013). Movimentos como *Parent in Science* têm mobilizado pesquisadoras e pesquisadores de diferentes países na construção de proposições para auxiliar a lidar e até mesmo romper com as estruturas impostas que atravessam as mulheres em seu fazer científico, doméstico e materno. É importante situar que, neste estudo, não nos referimos apenas ao "Ciclo da maternidade" (gestação, licença-maternidade e primeira infância de filhos), mas aos cuidados parentais em sentido amplo, independentemente da idade dos filhos e incluindo o cuidado aos pais idosos, cuja tarefa geralmente incide sobre as filhas (quando há filhos de mais de um gênero). O recorte sobre a relação da maternidade com o gênero feminino se fará neste estudo, para fins de quantificação de ações e produções científicas, mas se faz a ressalva de que outras relações parentais estão contempladas como sujeitos de interesse para os indicativos de ações que se pretende propor. Assim, no presente estudo, tem-se como objetivo geral construir e apresentar alguns indicativos de ações para o campo da CI para que o mesmo possa prover e acolher de forma cada vez mais justa, a participação de pesquisadoras mães e cuidadoras, em sua constituição e validação social e científica. As bases teóricas que sustentam as argumentações construídas foram elaboradas a partir de revisão

de literatura narrativa ou assistemática, frente a conjunção e particularidade de relação entre os assuntos apresentados. Assim, considerando esta característica metodológica, não nos ateremos a descrever protocolos de buscas em fontes de informação, priorizando enfatizar a articulação de conteúdos das fontes que reconhecemos como legítimas sobre o assunto. A justificativa para a discussão no âmbito da CI se dá por ser ela um campo de investigação científica no Brasil, situado no bojo dos estudos da Ciência, da Tecnologia e da Inovação, que foi protagonizado majoritariamente por mulheres, há mais de cinco décadas no Brasil e, no lugar de dedicarmos parte deste texto para citações que confirmam esta afirmação, daremos crédito a significativa homenagem desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) “Mulheres na Ciência da Informação”¹, no qual, o Coordenador do Programa (PPGCI), Gustavo Saldanha, ressalta que a proposta do evento, “[...] vem da potência da produção teórica e aplicada das mulheres na construção do campo informacional no Brasil, e do Brasil para o mundo.” Complementa ainda o pesquisador “Não há dúvidas em nossa historiografia que é o perfil feminino a força central que moveu a história da Ciência da Informação” (SALDANHA em entrevista concedida à OSAIDÓN, 2020).

Junto a isto concordamos com Nathália Lima Romeiro e Franciéle Carneiro Garcês da Silva, quando afirmam que “Evidenciar a pesquisa e a produção intelectual de mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) é um ato político.” (ROMEIRO; SILVA, 2019, p. 118). As autoras lançaram respectivamente em 2018 e 2019 as obras “O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação” e “O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação” procurando dar maior visibilidade às pesquisadoras e intelectuais destas áreas. (SILVA; ROMEIRO, 2018; 2019). Em 2018 também protagonizaram a oferta da oficina “Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia” ministrada no 36º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, que objetivou analisar a formação e atuação profissional de mulheres na área. As autoras evidenciam que, embora historicamente marcada pela predominância feminina na área, o seu capital simbólico é ainda refém das representações masculinas. Os silenciamentos femininos foram nomeados na pesquisa, como também foram destacadas as pesquisadoras brasileiras responsáveis pela consolidação do campo, no Brasil.

¹Evento disponível em: <http://50.ppgci.ibict.br/mulher/>

Diríamos que tem havido o fortalecimento de um movimento de reflexão e reposicionamento do lugar da mulher no mercado de trabalho e na produção científica e isto se dá também na CI. Para o presente estudo, pretendemos incluir nesta matriz interseccional, discussões sobre os desafios vivenciados por este feminino, no que diz respeito às suas responsabilidades domésticas e maternais, que lhe foram atribuídas, agravadas e intensificadas em um momento de pandemia global.

2 ESTUDOS FEMINISTAS NA CIÊNCIA: PRODUTIVIDADE, MATERNIDADE E PANDEMIA

Quando pensamos na participação e no *status* das mulheres na produção de ciência e conhecimento, recorreremos à epistemologia feminista que é um conjunto de trabalhos heterogêneos abrangendo uma grande diversidade de posições as quais congregam em comum “colocar em xeque os pressupostos básicos da epistemologia tradicional” (GÁRCIA; SEDEÑO, 2006, p. 57). Ou seja, como as concepções, práticas, atribuições, justificações e quaisquer mecanismos de construção de C&T e do conhecimento, sobretudo aqueles hegemônicos, são influenciados pelo gênero e sistematicamente desfavorecem as mulheres e outros grupos subordinados (ANDERSON, 2015). Para Anderson (2015), quando falamos em práticas científicas dominantes e discriminatórias para com as mulheres, isso significa: excluí-las dos processos científicos, negar sua autoridade epistêmica; inferiorizar sua capacidade cognitiva, modos de produzir conhecimento e suas características fisiológicas; ocultar suas atividades e interesses; desconsiderar e até mesmo reforça a discriminação e as hierarquias sociais.

Os mecanismos de discriminação e desigualdade na ciência resultado das dinâmicas de gênero, das relações hierárquicas e de poder são descritos através dos chamados efeitos. O “Efeito Matilda” foi apresentado por Margaret Rossiter (1993) – uma adaptação do “Efeito Mateus” de Robert Merton (1968) – e denomina a prática de atribuir mais reconhecimento aos cientistas que já são reconhecidos que, conseqüentemente, são majoritariamente homens, além de denunciar o roubo de créditos das cientistas, a dificuldade das mulheres em formar redes de cooperação e a falta de recursos destinados a elas (ROSSITER, 1993). O nome dado ao efeito vem de Matilda Joslyn Gage, ativista e sufragista americana, responsável por denunciar a apropriação de créditos pelo trabalho realizado por mulheres (ROSSITER, 1993).

A dificuldade encontrada pelas mulheres na ascensão da carreira é descrita como segregação vertical e pode ser explicada através do “efeito tesoura” e da metáfora do “teto de vidro”. O efeito tesoura é o fenômeno designado para descrever o porquê de apesar de serem maioria nas universidades, as mulheres são minoria entre os professores universitários e, assim como em cargos de liderança no mercado de trabalho (VETTER, 1992). A metáfora “teto de vidro” caracteriza essa dificuldade na ascensão da carreira pela existência de uma linha invisível (um teto de vidro) nas hierarquias estruturais que impede com que elas ascendam (SCHIEBINGER, 2001).

A segregação horizontal é representada pelos efeitos do “labirinto de cristal” e *Leaky pipeline*. O primeiro foi apresentado por Eagly e Cali (2007) como uma forma de complementar o conceito do teto de vidro que, de acordo com as autoras, não mais seria suficiente para descrever uma barreira encontrada pelas mulheres no caminho até a liderança, pois os obstáculos ao longo do labirinto (ascensão na carreira) estão dispostos em todo o percurso e não apenas no estágio final (liderança). A metáfora também abrange aspectos como aproveitamento de talentos, dificuldade em construir redes de cooperação e permanência em determinadas áreas do conhecimento (LIMA, 2013). Já o segundo descreve como as mulheres vão deixando a carreira científica ao longo do tempo como um cano que no início possui uma alta pressão de mulheres jovens, ao longo de sua extensão começa a apresentar vazamentos de estudantes de pós-graduação e quando chega à torneira, resta apenas um fio de mulheres reitoras, chefes de departamento ou vencedoras de honras e prêmios (ANGIER, 1995).

A segregação horizontal, referente à distribuição desigual de mulheres e homens por área de formação e/ou atuação em pesquisa, também é associada à feminização persistente de áreas como Saúde e Educação, Humanidades e Ciências Sociais (KELLER, 1985) e, por extensão, à sua sub-representação nas ditas áreas STEM (acrônimo em inglês para *Science, Technology, Engineering and Math*). Tal sub-representação, segundo estudos da Psicologia do Trabalho, tem como uma de suas forças motrizes os estereótipos de gênero e padrões de socialização excludentes e pouco atraentes para as mulheres, encorajando-as a migrar para áreas que não contrastem com normas de gênero convencionais (CUNDIFF *et al.*, 2013).

Alimentados pelo desejo de dar voz às histórias e práticas científicas intra/transculturais, europeias e/ou não europeias e, entendendo que as questões interseccionais, demarcadores sociais e a colonialidade são pontos centrais na produção de desigualdades estruturais, surgem os estudos pós-coloniais em C&T (HESS *et al.*, 2016; HARDING, 2008). Harding (2008) aponta que a construção de uma epistemologia feminista com enfoque decolonial é essencial, pois as mulheres/cientistas do sul global possuem perspectivas pluriculturais sobre as interações sociais entre os gêneros e essas percepções, ao distanciarem-se do pensamento hegemônico, podem dar voz às especificidades de suas condições.

Os estudos feministas decoloniais apontam o engano das generalizações universalistas sobre as mulheres consideradas como categoria analítica homogênea, chamando a atenção para a interseccionalidade e a influência de posições estruturais tais como classe, etnia e padrões culturais. De fato, “as mulheres nunca constituíram um grupo cerrado com interesses, antecedentes, valores, comportamentos e maneirismos comuns, mas sim vieram sempre de diferentes classes, raças, orientações sexuais, gerações e países”. (SCHIEBINGER, 2001, p.26).

A produção científica internacional sobre gênero e ciência recebeu um grande impulso nas últimas cinco décadas, e se os primeiros estudos buscavam analisar a história da participação feminina nas instituições científicas, posteriormente questionaram o modo pelo qual a própria ciência definia a natureza da mulher. Na sequência, estudos de natureza aplicada demonstraram, através de diagnósticos amparados em dados empíricos, a exclusão e/ou a subrepresentação das mulheres em campos científicos ou em suas hierarquias superiores. Este referencial epistemológico é transdisciplinar, espalhando-se por áreas como a Sociologia, a Historiografia, a Antropologia, as Políticas Públicas, os Estudos Organizacionais, entre outros. Doucet e Mauthner (2006) traçaram a evolução histórica dos estudos sobre epistemologias feministas, revendo algumas das principais contribuições para esta área e destacando tendências emergentes.

No campo da Ciência da Informação, os estudos bibliométricos contribuíram substantivamente com pesquisas que demonstraram a desigualdade de gênero na produção e produtividade científica, no financiamento da pesquisa e no sistema de recompensas da ciência ao evidenciar discrepâncias de citação, premiação e reconhecimento entre os pares.

Os diagnósticos e indicadores gerados por estes estudos contribuem para a construção de métricas desagregadas por gênero que podem orientar a concepção e planejamento de políticas públicas, bem como programas e projetos institucionais que visem combater a desigualdade de gênero na produção de conhecimento científico e tecnológico.

Anteriormente referida, Rossiter (1993) identificou um fenômeno análogo ao Efeito Mateus, segundo o qual cientistas recebem mais crédito que as pesquisadoras. Knobloch-Westerwick, Glynn e Hoge (2013) demonstraram que cientistas homens citam mais publicações de autores que de autoras, a partir da análise de mais de mil artigos científicos publicados entre 1991 a 2005. Guedes, Azevedo e Ferreira (2015), analisaram comparativamente dados de composição sexual, faixa etária e distribuição entre as áreas de conhecimento, entre 2001 e 2012, do grupo de pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a partir de dados disponibilizados por esta agência. Concluíram que a produtividade científica tem sexo, identificando diferenças na proporção entre homens e mulheres conforme a área de conhecimento, e demonstraram que o fenômeno da juvenilização, que ocorreu em todas as áreas, favoreceu os homens, por estes sofrerem menos impacto dos cuidados parentais em sua trajetória acadêmica. Os recentes resultados não diferem dos achados de Leta (2003) de quase vinte anos atrás, em estudo que identificou que apesar da maior participação no sistema brasileiro de ciência e tecnologia (C&T), as mulheres eram menos contempladas com bolsas de produtividade do CNPq e estavam sub-representadas nos cargos administrativos das universidades e na Academia Brasileira de Ciências.

No campo da produção tecnológica, estudo recente de Sifontes e Morales (2020), analisou a titularidade de patentes concedidas a países latino-americanos pelo escritório de patentes dos Estados Unidos, entre 1976 e 2011. Identificou que a participação feminina é minoritária, sem tendência de crescimento e usualmente concentra-se em patentes com titularidade coletiva, majoritariamente associadas a produtos e processos nas áreas de Saúde e Ciências da Vida. De forma análoga, Hayashi, Rigolin e Hayashi (2013), em estudo sobre a participação feminina na liderança dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, verificaram a presença minoritária de mulheres líderes destas redes, em sua maioria ligadas às áreas de Saúde, Meio Ambiente e Humanidades e com produção tecnológica inferior à expressiva produção científica. Na investigação da participação feminina na pesquisa

brasileira sobre Tecnologia da Informação, Oliveira, Mello e Rigolin (2020) encontraram indícios de segregação horizontal (concentração das mulheres em grupos vinculados às áreas de Saúde, Educação e Humanidades) e vertical (maioria de homens na liderança destes grupos).

Os estereótipos de gênero nas escolas, em particular os processos pelos quais meninas e meninos são canalizados para diferentes disciplinas, têm reflexos em sua inserção no mercado de trabalho. Recentes pesquisas destacam o caráter cultural da feminilidade e seu impacto na sub-representação das mulheres nas áreas de ciência e tecnologia (C&T) (OSANDÓN, 2020), estudando as barreiras estruturais à participação das mulheres nas áreas *STEM* e o tipo de socialização e educação que as meninas recebem. No plano internacional, Walby (2011) avaliou como se manifesta a segregação de gênero nas carreiras da “Economia do Conhecimento” ou “Sociedade da Informação”. Concluiu-se que as mulheres graduadas nas formações mais bem remuneradas pela economia do conhecimento (nomeadamente, a Tecnologia da Informação) são minoria no Reino Unido, enquanto que os empregos nas áreas de Humanidades, qualificações majoritariamente adquiridas pelas mulheres, recebem menores salários. A autora associa este fenômeno à persistência da segregação horizontal no sistema de educação, materializada pela concentração das mulheres em áreas historicamente feminizadas e mal remuneradas.

Em relação ao contexto de isolamento social demandado por conta da necessidade de controle de proliferação do coronavírus (COVID-19), embora ainda estejam emergentes os estudos bibliométricos que atestem diferenças nos indicadores de publicação e citação entre autoras acadêmicas e seus pares masculinos na pandemia, há evidências que já revelam uma disparidade de produtividade entre os sexos no contexto das condições impostas pelo COVID-19. Amano-Patiño et al. (2020) identificam que as economistas publicaram apenas 14% do total de artigos publicados *sobre* COVID-19 em quatro títulos da área desde o início da pandemia; Andersen et al. (2020) identificaram uma perceptível queda em publicações por pesquisadoras na Medicina em 2020: primeiras autorias, últimas autorias e a proporção de autoras no geral por artigo são 19%, 5% e 8% inferiores respectivamente na amostra dos artigos publicados sobre COVID-19 em 2020, comparado com assuntos médicos nos mesmos periódicos publicados em 2019. Ainda no campo da Medicina, e analisando a autoria de 159 publicações sobre COVID-19 na *The Lancet*, Gabster et al. (2020) identificaram que apenas

30,8% do total tinham autoras. Muric *et al.* (2021, p. 9), ao realizar um estudo bibliométrico (em servidores de *preprints* e em periódicos da Springer) no campo de Biomedicina, identificaram que as mulheres cientistas foram significativamente excluídas das publicações relatando pesquisas sobre COVID-19, visto na queda de 28% da primeira autoria feminina desses artigos. Squazzoni *et al.* (2020, citado por todos os artigos aqui citados) relatam que os responsáveis pelos periódicos científicos da Elsevier já identificaram uma perceptível queda em submissões de artigos escritos por cientistas mulheres durante a pandemia, tal como os resultados citados por Muric *et al.* (2021), que revelam que as áreas de Relações Internacionais, Ciência Política, Filosofia, além da Medicina e Economia, tem sofrido quedas perceptíveis de submissões a periódicos nesses campos por cientistas mulheres. E a pesquisa de Frederickson (2020, apud GABSTER, 2020) identificou que o número de autores homens submetendo *preprints* aos servidores como arXiv, bioRxiv e MedrXiv cresceu mais rapidamente relativo às autoras durante a pandemia.

Por fim, uma das repercussões insidiosas da maior visibilidade dos cientistas homens publicando sobre COVID-19, relativo às suas colegas femininas, é que a mídia de massa e as forças-tarefa nacionais configuradas para lidar com a pandemia tendem a recrutar os homens cientistas como *experts* e consultores: as cientistas mulheres constituem apenas 24% dos especialistas incluídos nessas atividades no centro das atenções do público em geral (GABSTER *et al.*, 2020), fazendo com que, muito infelizmente, estas profissionais fiquem fora de vista das futuras gerações de cientistas mulheres.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: MOVIMENTOS PARENTAIS NA CIÊNCIA E SEUS POTENCIAIS DESDOBRAMENTOS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O *Parent in Science* (2021) é um movimento com o intuito de fomentar a discussão sobre os impactos da maternidade e da paternidade na carreira acadêmica de cientistas do Brasil, e de incentivar políticas de apoio voltadas para esses grupos. Em português, "Mães e Pais na Ciência", foi criado em 2016 pela pesquisadora Fernanda Staniscuaski, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atualmente, o grupo conta com a participação de 16 cientistas de instituições de pesquisa de todo o Brasil. O movimento tem contribuído com o levantamento de dados quantitativos em questões de gênero e parentalidade no cenário

científico brasileiro. Os princípios elencados pelo grupo incorporam a inclusão, diversidade, trabalhos em colaboração e construção de redes na academia, na ciência e na sociedade como um todo, princípios esses que subsidiam as discussões sobre o reconhecimento da maternidade e seu impacto durante os primeiros anos de maternidade/paternidade na carreira acadêmica de cientistas brasileiras(os).

Esses princípios subsidiam as discussões sobre o reconhecimento da maternidade e seu impacto durante os primeiros anos de maternidade/paternidade na carreira acadêmica de cientistas brasileiras(os). Nesse sentido, o grupo já levantou sobre o impacto da chegada dos filhos por meio da avaliação do currículo Lattes de 2692 cientistas, e nesse estudo, foi observado a diminuição no número de publicações de artigos para as cientistas mães após o nascimento dos filhos até os quatro anos, enquanto que para cientistas sem filhos, o número de artigos aumentou de maneira linear com a avançar da carreira. (MACHADO *et al.*, 2019).

Os dados coletados deram suporte a ações e mudanças que já estão acontecendo no cenário científico nacional, como exemplo, a adoção, em editais de financiamento e de auxílios e bolsas de várias instituições, de critérios específicos que consideram os períodos de licença-maternidade na análise dos currículos de cientistas mulheres; inclusão do campo de licença-maternidade no Currículo Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (STANISCUASKI *et al.*, 2021), a possibilidade de inclusão na súmula curricular da FAPESP em “outras informações biográficas”, para licenças ou indicação da necessidade de cuidar de terceiros, a adoção por parte de diversos eventos científicos brasileiros de espaços de recreação infantil; organização do I Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, em 2018, e do II Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, em 2019; apresentação de dezenas de seminários e palestras, em diferentes cidades e online, levando para todo o Brasil a discussão sobre maternidade e carreira; elaboração do "Guia Prático para oferecimento de recreação em eventos científicos"; e, ampla discussão sobre o tema em espaços além da academia, por entrevistas e matérias jornalísticas veiculadas por mídias tradicionais, como jornais, revistas e programas de televisão de canais abertos e por assinatura.

Outro referencial de destaque é que durante a Pandemia de 2019, o movimento *Parent in Science* publicou uma carta no periódico internacional *Science*, alertando para os riscos de que a disparidade de gênero poderia ser aumentada após o início da pandemia devido às atribuições de cuidados com filhos e tarefas domésticas estarem tradicionalmente relacionadas ao gênero feminino (STANISCUASKI *et al.*, 2020a). Em razão do momento

pandêmico, o grupo também conseguiu identificar que as mulheres negras (com ou sem filhos) e as mulheres brancas com filhos (principalmente filhos com idade até 12 anos) foram os grupos cuja produtividade acadêmica foi mais afetada, ao contrário da produtividade acadêmica de homens, especialmente os sem filhos, que foi a menos afetada durante o isolamento social (STANISCUASKI *et al.*, 2020b). Ao relatar sobre o movimento *Parent in Science* e os trabalhos encontrados na literatura, ressalta-se uma lacuna laboral entre homens e mulheres com filhos - sobretudo negras -, que implica em diferenças de gênero associadas à parentalidade que influenciam na produtividade das mulheres, principalmente as mães. Isso é um reflexo da divisão desigual do trabalho de cuidado, que evidencia a mulher como a responsável por esse trabalho.

Partindo da análise de todas as informações apresentadas que intentaram relacionar o feminino, a produção científica, a maternidade e a pandemia, seguimos para a construção de um conjunto de ponderações que consideramos serem oportunas à Ciência da Informação brasileira, cuja constituição é majoritariamente feminina (e que tem em suas interseccionalidades, os atravessamentos decoloniais).

Mas ainda, entendemos ser apropriado e necessário desenvolver e manter contínua agenda de pesquisas e ações destinadas à parentalidade na CI nos principais eventos científicos do campo no Brasil; disponibilizar campos para submissão de artigos em revistas científicas da área, em que possa ser indicado o período de produção da pesquisa e de texto científico em relação à experiência de maternidade (sendo possível se fazer ainda a indicação sobre a maternidade da pesquisadora negra ou indígena) e do mesmo modo para submissão de trabalhos em eventos científicos da área; atrelar ao campo, do relatório Sucupira, informações que dizem respeito às fases da maternidade, com possível indicação a caracterização da maternidade negra ou indígena de modo que isto possa acrescentar valor, ao longo da análise dos trabalhos desenvolvidos, no quadriênio vigente; desenvolver ações e políticas juntos às instituições de ensino e pesquisa nas quais seja atribuído valor diferenciado para a produção de ensino, pesquisa e extensão no plano de carreira e progressão docente, a depender do período materno vivenciado na fase da progressão; desenvolver políticas específicas nos cursos de graduação e pós-graduação para atender às demandas de estudantes gestantes, em licença maternidade e no período de retorno às atividades de ensino e pesquisa, dentre outras.

Estas seriam então, algumas das proposições pensadas no âmbito da CI brasileira para fins de construção de ações que harmonizem e equilibrem as relações entre o fazer científico, o feminino e a maternidade (relação esta que é ainda mais impactada criticamente em contextos pandêmicos). Enfim, reconhecemos os limites de nossas argumentações frente às limitações de estrutura do trabalho proposto, mas reconhecemos também, a urgência de trazermos as preocupações parentais para o bojo da produção científica de nosso campo, de modo que a interseccionalidade proposta possa configurar enquanto tema de pesquisa e enquanto políticas de ação. Com algumas ações, acreditamos ser possível qualificar não só a vida de pesquisadoras como também daquelas e daqueles que histórica, social, cultural e estruturalmente, dependem de seus cuidados.

REFERÊNCIAS

- ALON, Titan; DOEPKE, Matthias; OLMSTEAD-RUMSEY, Jane; TERTILT, Michèle. The impact of covid-19 on gender equality. **NBER Working Paper Series**. Working Paper 26947. National Bureau of Economic Research. April 2020. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w26947>. Acesso em: 6 mai. 2021.
- AMANO-PATIÑO, N.; FARAGLIA, E.; GIANNITSAROU, H., HASNA, Z. Who is doing new research in the time of COVID-19? Not the female economists. *In: Voxeu*, 2020. Disponível em: <https://voxeu.org/article/who-doing-new-research-time-covid-19-not-female-economists>.
- ANDERSEN, Jens Peter; NIELSEN, Mathias Wullum; SIMONE, Nicole L; LEWISS, Resa E.; JAGSI, Reshma. COVID-19 medical papers have fewer women first authors than expected. **ELife**, 2020;9:e58807. DOI: <https://doi.org/10.7554/eLife.58807>.
- ANDERSON, Elizabeth. **Feminist Epistemology and Philosophy of Science**. Stanford Encyclopedia of Philosophy, Stanford Centre for the Study of Language and Information, 2015. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/feminism-epistemology/>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- ANGIER, Natalie. **Why science loses women in the ranks**. New York Times, New York, s. 4, p. 5, 14 mai. 1995. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1995/05/14/weekinreview/the-nation-why-science-loses-women-in-the-ranks.html>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- BAUMAN, D. **Chronicle of Higher Education**. 2020. [October 6, 2020]. The pandemic has pushed hundreds of thousands of workers out of higher education. <https://www.chronicle.com/article/how-the-pandemic-has-shrunk-higher-educations-work-force>.
- CUNDIFF, Jessica L. *et al.* Do gender–science stereotypes predict science identification and science career aspirations among undergraduate science majors? **Social Psychology of Education**, v. 16, p. 541, 2013.
- DIAS, Felipe A.; CHANCE, Joseph; BUCHANAN, Arianna. The motherhood penalty and the fatherhood premium in employment during COVID-19: evidence from the United States.

Research in Social Stratification and Mobility, v. 69, Oct. 2020, 100542. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rssm.2020.100542>

DOUCET, Andrea.; MAUTHNER, Natasha Susan. Feminist methodologies and epistemology. *In*: BRYANT, Clifton D.; PECK, Dennis L. (eds.) **Handbook of 21st Century Sociology**. Thousand Oaks-CA: Sage, 2006. p. 36-42, p. 438, p. 448-453, 2006.

EAGLY, Alice H.; CARLI, Linda L. **Through the labyrinth: the truth about how women become leaders**. Boston: Harvard Business School Press, 2007.

ESPASANDÍN, Araceli. **La mujer entre el cielo y el espacio: um paseo por el Universo desde la óptica femenina**. Mujeres que hacen la Historia, 2013.

ETZKOWITZ, Henry; GUPTA, Namrata. Women in science: a fair shake? **Minerva**, v. 44, p. 185-199, 2006.

FOX, Mary F.; WHITTINGTON, Kjersten B.; LINKOVÁ, Marcela. Gender, (In)equity, and the Scientific Workforce. *In*: FELT, U.; FOUCHÉ, R.; MILLER, C. A.; SMITH-DOERR, L. (eds.). **The Handbook of Science and Technology Studies**. MIT Press: Cambridge, MA, 2016.

GABSTER, Brooke Peterson et al. Challenges for the female academic during the COVID-19 pandemic. **The Lancet**, v. 395, n. 10242, p. 1968-1970, 2020.

GARCÍA, Marta. I. G.; SEDEÑO, Eulalia P. Ciência, Tecnologia e Gênero. *In*: SANTOS, Lucy W.; ICHIKAWA, Elisa Y.; CARGANO, Doralice F. (org.). **Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento**. Londrina, IAPAR, 2006. p. 33-72.

GUEDES, Moema de Castro; AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. **Cadernos Pagu**, n. 45, dez. 2015, p. 367-399. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201500450367>

HAYASHI, Carlos Roberto Massao; RIGOLIN, Camila Carneiro Dias.; HAYASHI Maria Cristina. Métricas da participação feminina na ciência e tecnologia no contexto dos INCTs. **Liinc em Revista**, v. 9, n. 1, 27 maio 2013. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v9i1.524>

HARDING, Sandra. **Sciences from below: feminisms, postcolonialities, and modernities**. Durham/London: Duke University Press, 2008.

HESS, David J. *et al.* Structural Inequality and the Politics of Science and Technology. *In*: FELT, Ulrike; FOUCHÉ, Rayvon; MILLER, Clark. A.; SMITH-DOERR, Laurel (ed.). **The Handbook of Science and Technology Studies**. Cambridge: MIT Press, 2016. p. 319-47.

HIGGINBOTHAM, Eve; DAHLBERG, Maria Lund (Eds). **Impact of COVID-19 on the careers of women in academic Sciences, Engineering, and Medicine**. 2021. Washington, DC: The National Academies Press. Disponível em: <https://doi.org/10.17226/26061>.

HIPP, Lena; BÜNNING, Mareike. Parenthood as a driver of increased gender inequality during COVID-19? Exploratory evidence from Germany. **European Societies**, 23, sup. 1, S658-S673, 2020. DOI: 10.1080/14616696.2020.1833229.

KELLER, Evelyn Fox. **Reflections of gender and science**. New Haven - CT, Yale University Press, 1985.

KNOBLOCH-WESTERWICK, Sílvia; GLYNN, Carroll J.; HUGE, Michael. The Matilda Effect in science communication. **Science Communication**, v. 35, n. 5, out. 2013, p. 603-625. DOI: <https://doi.org/10.1177/1075547012472684>

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, dez. 2003, p. 271–284. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016>

LIMA, Betina S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 3, 2013.

MACHADO, Leticia Santos *et al.* Parent in science: The impact of parenthood on the scientific career in Brazil. In: **2019 IEEE/ACM 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering (GE)**. IEEE, 2019. p. 37-40.

MURIC, G.; LERMAN, K; FERRARA, E. Gender disparity in the authorship of Biomedical research publications during the COVID-19 pandemic: Retrospective observational study. **J Med Internet Res**, v. 23, n. 4. 2021. e25379. DOI: 10.2196/25379.

OLIVEIRA, Jussara Ribeiro.; MELLO, Lívia Coelho.; RIGOLIN, Camila Carneiro Dias. Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de pesquisa e produção científica de teses e dissertações. **Cadernos Pagu**, n. 58, p. e205804, 2021. DOI: Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de pesquisa e produção científica de teses e dissertações.

PARENT IN SCIENCE. Princípios norteadores do Movimento Parent in Science. **Parent in Science**, 2021. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_bb0413062c3e49aa8d6316241d7f4182.pdf.

ROMEIRO, N. L.; SILVA, F., C. G. A educação continuada e o protagonismo da mulher na Biblioteconomia: relato de experiência da oficina "Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia". **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, p. 112-130, 2019.

ROSSITER, Margaret W. The Matthew Matilda Effect in Science. **Social Studies of Science**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 325-341, maio 1993.

SCHIEBINGER, Londa. **The mind has no sex?** Women in the origins of modern science, 1991, p. 368.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: Universidade do Sagrado Coração, 2001.

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, supl., p. 269-281, jun. 2008.

SIFONTES, Domingo, MORALES, Rosa. Gender differences and patenting in Latin America: understanding female participation in commercial science. **Scientometrics**, v. 124, p. 2009–2036, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11192-020-03567-6>

STANISCUASKI, Fernanda *et al.* Impact of COVID-19 on academic mothers. **Science**, v. 368, n. 6492, p. 724-724, 2020a. Disponível em: http://pesquisa.uff.br/sites/default/files/science_parent_in_science.pdf. Acesso em: 07 maio 2021.

STANISCUASKI, Fernanda *et al.* Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. **BioRxiv**, 2020b. Disponível em: <https://www.biorxiv.org/content/10.1101/2020.07.04.187583v1.abstract>.

STANISCUASKI, Fernanda *et al.* Maternity in the Brazilian CV Lattes: when will it become a reality? **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 93, n. 1, 2021.

WALBY, Sylvia. Is the knowledge society gendered? **Gender, Work & Organization**, v. 18, n. 1, jan. 2011, p. 1–29. DOI: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1468-0432.2010.00532.x>